

# XI — COM O CARDEAL

Novidades 1946

14-8-946

## SUHARD

# ARCEBISPO DE PARIS

"A grande massa do povo está separada de nós por um grande muro, e não se aproximará enquanto o muro não fôr deitado abaixo"

FORUM ABEL VARZIM  
DESENVOLVIMENTO  
E SOLIDARIEDADE

O Padre Rodhain  
fala ao Cardeal Suhard

O entusiasmo da brilhante «equipe» sacerdotal, que acabamos de entrevistar, é comunicativo. Surpresos no primeiro instante, esmagados depois pela audácia dos novos métodos, o nosso espírito acaba por encontrar repouso na tranquilidade daquele

fogo aos nossos próprios olhos. E foi sempre assim em cada um daqueles com quem tivemos a dita de falar.

No entanto...

No entanto, uma grande dúvida, teimosa e inquietadora, nos perseguia. Estamos, de facto, diante dum sopro do Espírito que impulsiona a barca de Pedro para novos rumos no mar alto da civilização moderna, ou em presença de uma iniciativa temerosa de meia dúzia de incoformistas, de recta intenção por certo, mas de pouco senso comum e de nenhuma prudência humana?

Era preciso ouvir o Cardeal de Paris.

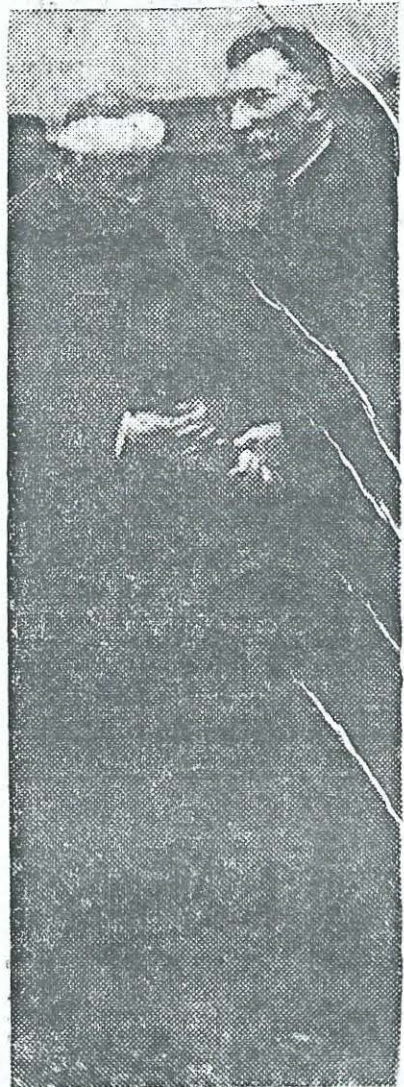
O Padre Hollande, a quem expusemos sinceramente a torturante dúvida, ele mesmo se prontifica a obter-nos a necessária audiência.

Antes da hora marcada, transpunhamos o portal do Arcebispado de Paris, numa rua apagada da esfusante cidade. O porteiro introduz-nos no salão de espera: — Não faz mal que não seja ainda a hora marcada; se Sua Eminência não estiver com visitas, recebê-lo-á imediatamente.

Assim foi. Quando supúnhamos ser conduzidos para a sala de audiências, para aí esperar a hora fixada, era no próprio gabinete do Cardeal Suhard que o porteiro nos introduzia. Sua Eminência dirigiu-se-nos com tão acolhedor sorriso, que nos sentimos imediatamente à vontade diante daquela veneranda figura de Cardeal, cabelos brancos de neve, um tanto alquebrada pelos anos e pelos sofrimentos, porte de rara nobreza sob a capa humilde de príncipe da Igreja, espiritualizado por um olhar transparente e afável como o olhar confiante das criancinhas. Não esqueceremos nunca a impressão deste encontro.

— Ah! um Padre português? Quer ter o incómodo de sentar-se aqui a meu lado? Estou muito satisfeito de poder ouvi-lo.

— Eminência: Ousei suplicar esta audiência porque, tendo vis-







O Padre Rodhain faz uma exposição diante do Cardeal-Arcebispo de Paris

to e ouvido alguns dos Padres que trabalham com novos e arrojados métodos nas organizações de juventude, na Missão de França; na Missão de Paris, eu queria tranquilizar-me, ter uma certeza...

### A mensagem de Cristo e o espírito missionário

— Eu lhe conto, interrompeu Sua Eminência, descobrindo, no tom angustiado da voz, a intenção da pergunta e da entrevista. A Missão de França nasceu da minha própria iniciativa. De longa data a minha consciência se inquietava pelo destino da Igreja em França e pela sorte de tantos dos meus compatriotas que desconhecem a luz do Evangelho.

Em 1941 a Congregação dos Cardeais e Arcebispos de França fundava, para responder a esta angústia compartilhada por todos, o Seminário interdiocesano de Lisieux. A Missão de Paris, essa, foi da iniciativa de alguns generosos sacerdotes que me pediram autorização para a fundar, mas a quem eu cubro com todo o poder da minha autoridade. Eu tenho, continuou Sua Eminência, cinco milhões de almas na diocese. É uma carga muito pesada. Destes cinco milhões de almas, quantos descrentes!... Por sua vez, a França tem vastas regiões paganizadas. Não poderemos revelar a estas almas a mensagem de Cristo senão por um forte espírito missionário de que desejo sejam impregnados todos os meus sacerdotes. Na França existem bastantes vocações missionárias que se dirigem aos pagãos de além-mar. Por que não havemos nós de suscitar também vocações missionárias para cris-

lado conosco?

Foi nesta intenção e neste espírito que nasceu a Missão de França.

— Conosco dá-se a mesma coisa. Também em Portugal há tanto pagão... É que batalha não temos nós travado, por vezes, para fazer compreender aos missionários de África que também temos África dentro de Lisboa!

— Evidentemente. É preciso lutar com energia para que o entendam de vez.

### Métodos audaciosos

— E a «Missão de Paris»?

— Como lhe disse, não foi da minha iniciativa. Tendo, porém, sido incitado para a deixar fundar, não só o consenti, como, alvoreçado, incitei a fazê-lo.

— Mas esses sacerdotes com quem falei pareceram-me demasiadamente arrojados. Vossa Eminência também apoia os seus métodos de apostolado?

Era a pergunta crucial...

— O rosto do Cardeal Suhard, iluminado por uma grande esperança, respondeu por ele mesmo, antes de me dizer:

— Sim! Eu sei que são métodos audaciosos, muito audaciosos mesmo. Mas... eu tenho na minha diocese três categorias de diocesanos: os crentes, praticantes, os mais ou menos indiferentes e os pagãos ou paganizados. Os primeiros enchem-nos os templos, ocupam a actividade dos sacerdotes e, na verdade, é preciso que estes se ocupem deles. Os segundos, isto é, os indiferentes, ainda poderão ser atingidos pela influência cristã, se os nossos Padres, como eu lhes peço, forem ter com eles. Mas os outros, a grande massa do povo,

um grande muro, e não se aproximarão enquanto o muro não for deitado abaixo. É isto que eu peço aos meus Padres da Missão, que deitem o muro abaixo.

— Trabalho bem difícil...

— Mas necessário. No entanto, não obrigo ninguém. Aceito voluntários, porque a tarefa exige muito sacrifício. Trata-se de lhes revelar, a esses pobres pagãos, a verdadeira face da Igreja. Todos eles são eleitos de Cristo. No último dia, teremos de dar contas a Deus por cada um deles. Para não ouvir do Senhor: poderias ter empregado mais este ou aquele esforço, feito mais esta ou aquela tentativa, eu incito-os, animo-os, acompanho-os a esses padres de boa vontade, suplicando-lhes que deitem abaixo a muralha que afasta a multidão de nós e de Cristo.

### Necessidade de tática moderna

— O muro não estará firme de mais?...

— Para o derrubar é preciso empregar a tática moderna. Ultrapassá-lo, misturarmo-nos com os que estão do lado de lá. Os Padres hão-de fazer-se um deles, semelhantes a eles em tudo, salvo no pecado.

— Eu sei que alguns Padres se têm feito operários...

— Não os incito a fazê-lo, mas aceito-o com alegria.

— Compreendo que Vossa Eminência os não obrigue. É tão duro...

— Muito duro, meu caro Padre. Tenho sacerdotes que se levantam às 4 horas da manhã, para celebrar sua missa, estar a horas na fábrica, onde fazem as oi-



camaradas e como elles suportam todo o peso do labor, mesmo como operários não qualificados, escolhendo para si a tarefa mais humilde. Mas é consolador ver como os operários — que depressa descobrem a sua verdadeira identidade — acabam por depositar neles toda a confiança, por os consultar não só nas questões de trabalho, mas até nos assuntos particulares...

— Os resultados são, então, brilhantes?

— Levará muito tempo. Primeiro, é preciso destruir o muro. O resto virá depois. Ora o muro começa a ser abalado por estes Padres Missionários. Mas, como pode compreender, estamos ainda no princípio, no período das experiências.

— Contudo estamos já em presença de um apostolado revolucionário, inteiramente novo.

— Quando leio os «Actos dos Apóstolos», sobretudo no que se refere à vida de S. Paulo, não posso considerar moderno este apostolado. S. Paulo procedia exactamente assim. É preciso hoje regressar aos mesmos métodos. Ir a casa dos que nos desconhecem, apanhá-los onde se encontram, porque eles não vêm à Igreja. Como S. Paulo, pregalhes nas próprias casas deles.

### A vida no meio dos operários

— Se Vossa Eminência me permite, eu desejava fazer uma pergunta que me está bailando no espirito. A vida de trabalho nas fábricas, a vida no meio dos operários, o esforço para viver uma vida semelhante à deles, não constituirá perigo real para os sacerdotes?

Sua Eminência, num sorriso confiante, como se esta objecção lhe tivesse sido feita milhares de vezes, responde:

— Não serve evidentemente quem quer. Mas, olhe, num apostolado destes só há dois resultados a esperar. O Padre ou se perde depressa, ou então santifica-se necessariamente. Até hoje, não tive nenhuma defecção. Pelo contrário, posso dizer-lhe que se têm todos santificado.

— Deus está com eles...

— Evidentemente!

— Pode concluir-se, então, que é necessário transformar os métodos do apostolado sacerdo-

tal. Mas estas experiencias não implicam a modificação da própria vida paroquial?

— Penso que sim. Vá ver o Padre Michonneau. Ele consegue realizar o modelo da paróquia missionária, moderna, acolhedora e conquistadora. Não deixe de a ir ver.

— Vossa Eminência deseja, então, transformar as paróquias em centros missionários, adaptá-las aos tempos modernos...

— Cedo ou tarde haverá necessidade de fazê-lo por toda a parte.

Creio que nada perderemos em começar desde já.

Quanto desejava saber estava dito.

Satisfeito pelo que ouvira, a conversa tomou naturalmente outro rumo. Sua Eminência, gentilmente, interessa-se por Portugal. Depois deseja saber que impressões colhemos da França.

— Uma Nação que tem sacerdotes como os que vi, não pode perder-se. Eu creio no resgate glorioso da França.

— Também eu, acrescentou, confiante, Sua Eminência, levantando-se.

— Não diminuir da porta, aonde gentilmente ele próprio nos conduziria, pede-nos que sejamos portadores de uma palavra de simpatia para o Cardeal Patriarca de Lisboa, a quem chama uma grande figura da Igreja, e de quem se mostra profundo admirador.

E, no último aperto de mão, cordial e amigo, Sua Eminência despede-se:

— «A seara é vasta, os operários são poucos: pedi ao Senhor que mande operários para a sua vinha». Nunca se esqueça desta recomendação do Mestre. Que os padres portugueses rezem por nós. Eu prometo não me esquecer de rezar também por eles.

ABEL VARZIM



© Todos os direitos reservados